



## With Climate in Mind

### Psychoanalysts on Climate Breakdown

Editores: Sally Weintrobe, Lynne Zeavin

Editora: Routledge, 2025,

Resenhado por: Carlos Pires Leal<sup>1</sup>

#### Com o clima em mente: psicanalistas e o colapso climático

O lançamento do livro *Com o clima em mente: os psicanalistas e o colapso climático* (tradução livre) é um marco editorial notável no campo da psicanálise e da cultura.

As editoras, Sally Weintrobe e Lynne Zeavein, são autoras de primeira grandeza. Ocupam-se, com base na psicanálise, em compreender as grandes questões e os impasses da cultura contemporânea, destacando a crise climática.

Ainda não lançado no Brasil, o livro se ocupa dos impactos do colapso climático sobre a vida humana, a partir da pluralidade das visões de psicanalistas com variadas origens geográficas, culturais, teóricas e clínicas.

Para nós brasileiros é especial a participação da colega Maria Luiza Gastal em dois dos 16 capítulos: no 9 “Vivendo na crise climática: uma perspectiva psicanalítica pós-colonial” e no 10 “Expandindo horizontes: estreitando laços entre humanos e não-humanos para permanecer no mundo”.

Gastal é uma psicanalista conhecida dos brasileiros por sua extensa e criativa produção sobre temas psicanalíticos que lançam luz

1 Membro efetivo com funções específicas da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).

sobre a experiência da crise climática. Sua formação inicial em biologia e doutoramento em ecologia pela Universidade de Brasília fertilizam as reflexões sobre as interações múltiplas e complexas entre o ambiente e a mente humana.

Entre as várias contribuições originais do livro destaca-se o lugar do ambiente na mente humana – sempre com base na referência psicanalítica. Não se trata apenas da designação genérica da ocupação de um lugar relevante do ambiente na mente. Todos os autores defendem e sustentam a centralidade do ambiente como um objeto mental primário interno. A interdependência entre realidade externa e realidade interna é expandida e reconsiderada em sua complexidade e desdobramentos diversos.

Os autores indicam que muitos analistas contemporâneos concedem à realidade externa um valor limitado, por vezes irrelevante. Seus textos são convincentes em demonstrar que a psicanálise se revigora e se expande teórica e clinicamente quando incorpora o ambiente como objeto psíquico com equivalência aos objetos parentais primários. O conceito de hiperobjeto é um dos operadores instigantes para a compreensão do que um dos autores denomina *geotrauma*: a natureza teria se tornado *um pano de fundo de estranheza inquietante*. Uma ideia-mãe dos nossos tempos.

O conjunto dos textos é encadeado por 4 eixos: o “principalmente clínico”, o “principalmente teórico”, o “principalmente relacionado à natureza” e o último relacionado à pesquisa.

Os autores Delaram Habibi-Kohlen, Lynne Zeavin, Karyn Todes, Sally Weintrobe, Alfredo Lombardozzi e Don Moss levantam questões cruciais para a prática clínica. Entre elas a policrise gerada pelas mudanças climáticas, a precocidade com que o mundo natural faz parte das nossas vidas e o fogo cruzado do jogo transferencial-contratransferencial quando a crise climática entra nos nossos consultórios. O impacto sobre o cenário clínico decorrente da forma como o analista vê e sente o mundo, os sonhos e a crise climática constituem outras questões abordadas por eles. Um convite provocador mereceu um texto inteiro, o capítulo 6: “Os humanos realmente querem sobreviver?”.

No capítulo 7, o artigo de Harold Searles de 1972 é reproduzido na íntegra, abrindo o eixo teórico do livro. É considerado um texto histórico pelo pioneirismo de propor a questão da crise climática como tema para a psicanálise. É admirável sua atualidade após ter sido escrito há mais de meio século, e sintomático como foi solenemente ignorado pela comunidade psicanalítica até recentemente. Questões como o consumismo, a relação entre os humanos e o mundo natural e a ideia instigante de que destruímos o Planeta para que não tenhamos nada a perder quando morrermos, foram antecipadas pelo autor norteamericano.

Ainda dentro do eixo teórico autores como Cristina Bauriedl-Schmidt, Markus Fellner, Mônica Krimmer e Hans-Jürgen Wirth nos convocam a pensar sobre o dever da atual geração de promover uma *cultura do cuidado* e de assumirmos a responsabilidade pela nossa vulnerabilidade – o que vai além, ou deveria, dos limites da nossa própria geração.

A pandemia que abalou o Planeta nos anos de 2020/2021 gerou uma experiência de desamparo em grande escala amplificada pela violência de governos da extrema direita que pareciam celebrar a morte: cortes de assistência social, xenofobia, racismo e violência foram observados no Brasil e em diversos outros países. A reflexão é da colega Maria Luiza Gastal no capítulo 9: “Vivendo na crise climática: um ponto de vista psicanalítico pós-colonial”. A autora constata que a pandemia não nos transformou tanto quanto seria esperado. Pelo contrário, parece ter induzido reações fóbicas, incrementando o narcisismo e ampliando a pulsão de morte. Gastal, no capítulo 10: “Horizontes estendidos: estreitando os laços entre humanos e não humanos para permanecer no mundo”, exorta-nos a repensar a relação entre psicanálise e natureza como uma imposição ética da psicanálise contemporânea.

O conceito de *necropolítica* no contexto do Antropoceno é explorado por Lynne Zeavin, no capítulo 11, sua segunda contribuição ao livro. A autora tece comentários sobre uma questão central para a cultura contemporânea: as alterações da cognição humana sob o impacto da tecnologia e do capitalismo. Essa questão é essencial para compreensão

da falta coletiva de engajamento na luta contra a destruição do Planeta em decorrência da crise climática.

O eixo que discute as questões principalmente relacionadas à natureza se distribui em quatro capítulos, escritos por Lindsay L. Clarkson, Sally Weintrobe, Pushpa Misra e Lucas Magnenat. Há alguns temas reiterados e abordados de formas distintas pelos autores, entre eles a atribuição de um valor benevolente à natureza (considerada como um objeto de identificação primária) danificada pela ação humana. Merece atenção o conceito de hiperobjeto: o que é, a princípio, benevolente e se torna, pela incidência humana, um *geotrauma* e uma “desilusão ecológica”.

A marca multicultural do livro é assegurada pelos olhares plurais de colegas da Alemanha, Estados Unidos, Brasil, Itália, Suíça, Austrália, Inglaterra e Índia. O que favorece a investigação de um campo multifacetado, essencialmente complexo.

O último capítulo investiga, por meio de pesquisa de campo, como se desenvolve a relação com a natureza e o não humano em suas representações internas. A proposta é lançar luz sobre uma contradição que marca, em todos os quadrantes do Planeta, a subjetividade humana em relação à crise climática e a nossa relação com o Planeta: como podem coexistir em nós a veneração à natureza lado a lado com a as nossas atitudes em destruí-la?

Pushpa Misra e Jhelum Podder, indianas, são parceiras em várias investigações que levam em conta as repercussões da crise climática em comunidades rurais e urbanas da Índia – país mais populoso do Planeta o terceiro maior emissor de gases de efeito estufa do mundo. Os resultados da pesquisa são extremamente interessantes indicando como a natureza é concebida como mãe *fonte de abrigo e alimento, um playground e uma confidente*. Entre outros aspectos, pesquisas como essa permitem “desocidentalizar” a compreensão das formas de experimentar as relações com a natureza e o não humano.

Finalizo onde as editoras do livro iniciam a escrita, a dedicatória de sua obra: *Dedicamos este livro aos nossos netos, Ollie Humphreys, Jessica Humphreys, Lotte Rometsch, Lusha Rometsch, Roko Plevnik, Mila Plevnik e Malachia Timothy O'Brien.*

Não faz diferença se eles se importarão com o conteúdo do livro. Se são netos em idade madura ou se são jovens. Se têm interesse pela psicanálise ou por ela não nutrem apreço. O relevante aqui parece ser o compromisso e a responsabilidade por parte de sua ancestralidade com viabilidade da vida futura. Como viveremos na memória dos nossos sobreviventes?

A palavra esperança aparece 35 vezes no livro. Associa-se à capacidade de autorreparação, à preservação das funções do ego, ao que a promove ou a afeta, como ingenuidade ou compromisso, à oposição com a desesperança, à expectativa de um processo de mudança, à proteção contra a depressão, ao enfrentamento do horror interno, à libertação de ameaças primárias, à persistência do trabalho de elaboração, à expectativa de uma mudança radical de nos relacionar com o Planeta e à esperança de oferecer contribuições que estimulem olhar e pensar mudanças coletivamente: um “ideal de nós”.

A minha esperança é que o mercado editorial brasileiro compreenda o valor desse livro para a cultura e para a psicanálise brasileira e o publique com brevidade no nosso país.